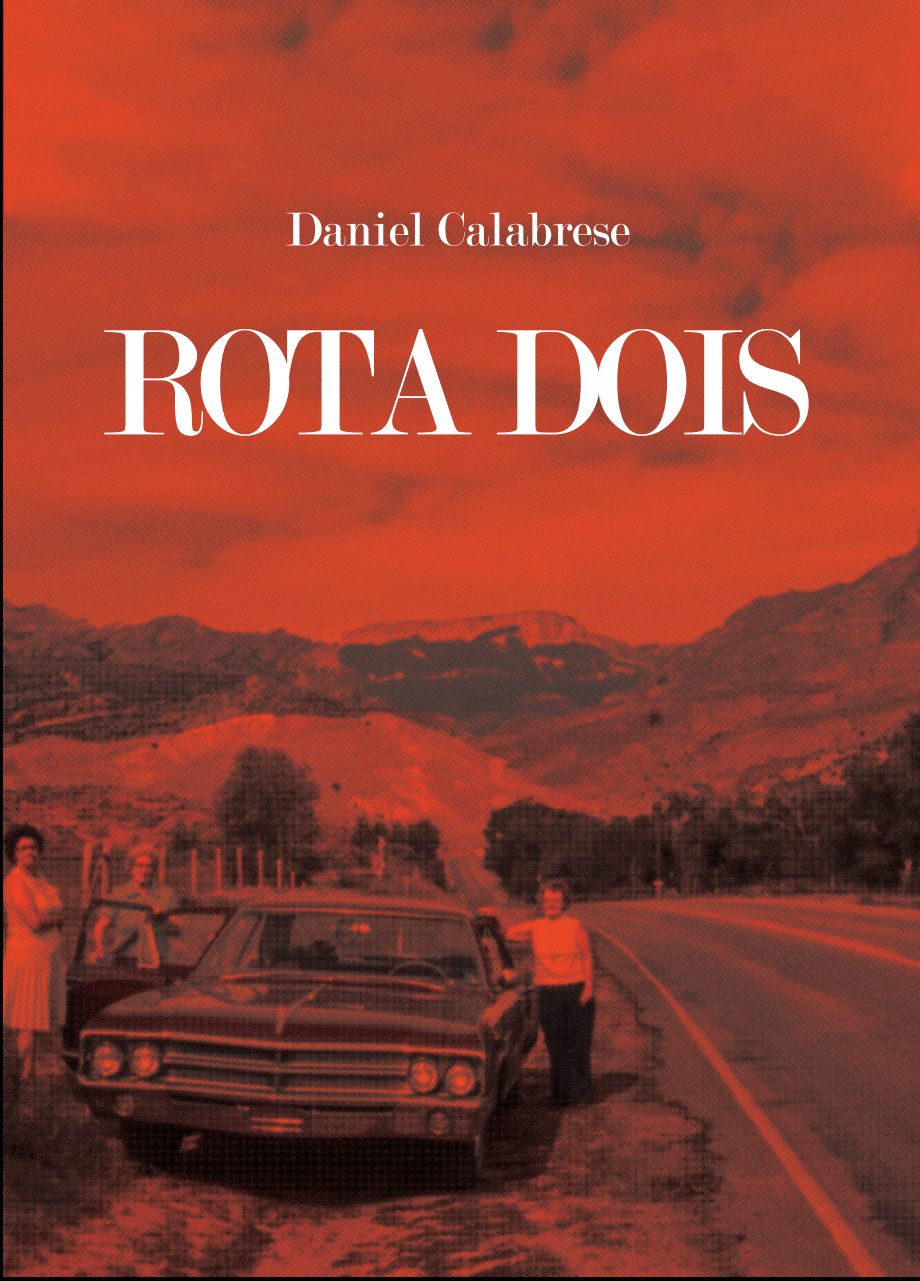
Daniel Calabrese

ROTA DOIS



TRADUÇÃO
Prisca Agustoni

macondo

ROTA DOIS

Daniel Calabrese

ROTA DOIS

tradução
Prisca Agustoni

EDIÇÃO BILÍNGUE



macondo

PALAVRAS PARA *ROTA DOIS*

Raúl Zurita

Límpidos, feridos e muitas vezes magistrais, destacados numa das sequências mais notáveis da poesia de hoje, os poemas de *Rota Dois*, de Daniel Calabrese, são, antes de mais nada, um triunfo da poesia entendida como uma arte, não das palavras, mas sim daquilo que as palavras nunca puderam dizer.

Esse livro vai traçando um itinerário que é, ao mesmo tempo, geográfico e mental, biográfico e metafísico, para alçar-se em última instância como uma grande metáfora da vida, da viagem e, por fim, da perda.

Inspirado numa paisagem concreta, é atravessado por uma estranha religiosidade, uma espécie de saudade de um lugar inexistente e de um tempo ao qual já não se voltará nunca mais, assim como ninguém se banha duas vezes no mesmo rio. Essa impossibilidade radical está na origem comum da utopia, do sonho e da desgraça.

Com uma linguagem contida, precisa, de uma beleza que jamais cede ao alarde, como as correntes desses grandes estuários que, por seu fluxo enorme, apenas parecem se moverem, mas que podem arrasar tudo ao tentar detê-los, *Rota Dois* confirma que a obra de Daniel Calabrese está

entre as mais ressonantes e notáveis. Junto com outros grandes êxitos, é uma ratificação da potência e oda riginalidade da poesia latino-americana atual, de sua impressionante capacidade de renovação, de sua magistralidade dolorosa e imponente.

NOTA DA EDIÇÃO

Esta edição de *Rota Dois* reúne 42 poemas selecionados pelo autor para uma versão essencial, dentre 87 que compõem a edição original, e foram traduzidos a partir da 3ª edição em espanhol (Madri: Visor Libros, 2017).

A mi costado derecho

A mi costado izquierdo

Ao meu lado direito

Ao meu lado esquerdo

A modo de proemio,
deben saber que

la única piedra en este camino
es la luna.

y los pasajeros que viajen por primera vez
estarán dispuestos a permanecer en silencio.

A título de prefácio
devem saber que

a única pedra nesse caminho
é a lua.

e os passageiros que viajarem pela primeira vez
estarão dispostos a permanecer em silêncio.

I.
QUILÔMETRO 207

KILÓMETRO 207

MÉTODO PARA CALCULAR EL TIEMPO

Los que viven a este lado de la ruta
saben de compensaciones:
cada vez que alguien pasa rumbo al Sur
anotan la hora exacta
y dejan caer una piedra en el vacío del ser.

Quienes viven del otro lado
conocen la polaridad:
cada vez que alguien pasa en sentido contrario,
de regreso,
anotan lo mismo,
pero sacan una piedra del vacío del ser.

Así unos llenan su vacío
y otros lo despejan.

Cada cierto tiempo,
los que han llenado su vacío
cruzan por el puente viejo (que era nuevo)
y esperan con paciencia
a que pasen los regresadores del Sur,
uno tras otro,
hasta que el vacío es total.

MÉTODO PARA CALCULAR O TEMPO

Os que vivem neste lado da rota
conhecem as compensações:
cada vez que alguém passa rumo ao Sul
anotam a hora exata
e deixam cair uma pedra no vazio do ser.

Aqueles que vivem do outro lado
conhecem a polaridade:
cada vez que alguém passa em sentido contrário,
de volta,
anotam o mesmo,
mas sacam uma pedra do vazio do ser.

Assim, alguns enchem seu vazio
e outros o despejam.

De vez em quando,
os que encheram seu vazio
cruzam a ponte velha (que era nova)
e esperam com paciência
que passem os que voltam do Sul,
um após o outro,
até que o vazio seja total.

EL AHOGADO

Deseo aclarar que no fue en un río
sino en la misma tierra donde me ahogué.

El único río que llevo en la memoria
es un estremecimiento
donde las pequeñas cosas se hunden
aunque nunca llegan a desaparecer.

A veces,
se hunden antes de que pase el río.

Y su pedido de auxilio
siempre
llega tarde.

O AFOGADO

Desejo esclarecer que não foi num rio
mas na mesma terra onde me afoguei.

O único rio que guardo na memória
é um estremecimento
onde as pequenas coisas afundam
ainda que nunca cheguem a sumir.

Às vezes,
afundam antes que passe o rio.

E seu pedido de socorro
sempre
chega tarde.

PRODIGIO

El trabajo de este día consiste
en llevar una piedra de aquí para allá.
Es una roca muy pesada,
más que un buey,
más que una bolsa cargada de lluvia.
Es un agujero prehistórico,
un espejo negro
a punto de tragarse el mundo.

El trabajo de este día consiste
en alzar esa piedra y depositarla
suavemente en el medio del camino
para que se detengan los ciclistas,
se detenga la música de fondo,
se detenga la Ruta Dos
a la hora señalada por las arterias rojas.

Y cuando todo esté detenido,
entorpecido por la piedra,
detenidas las generaciones ilustradas y piadosas,
detenido el amor entre las cosas naturales
y las cosas manifiestas,
el trabajo, entonces,
consistirá en sacarla de ese lugar,
levantar la piedra nuevamente,
con los ojos cansados,
y enterrarla por ahí, en la nada,

PRODÍGIO

O trabalho deste dia consiste
em carregar uma pedra daqui até lá.
É uma rocha muito pesada,
mais do que um boi,
mais do que uma bolsa carregada de chuva.
É um buraco pré-histórico,
um espelho negro
prestes a engolir o mundo.

O trabalho deste dia consiste
em levantar essa pedra e depositá-la
delicadamente no meio do caminho
para que se detenham os ciclistas,
se detenha a música de fundo,
se detenha a Rota Dois
na hora marcada pelas artérias vermelhas.

E quando tudo estiver parado,
entorpecido pela pedra,
paradas as gerações iluminadas e piedosas,
parado o amor entre as coisas naturais
e as coisas manifestas,
o trabalho, então,
consistirá em tirá-la desse lugar,
levantar de novo a pedra,
os olhos cansados,
e enterrá-la por aí, no nada,

en ese lago de cerrada indiferencia
donde cruje la cama, alumbra el televisor,
brillan los motores,
cae el vino adentro de la luz,
se pudren la memoria y las conversaciones tristes,
y se hunden, con la piedra,
en la más completa extinción.

nesse lago de fechada indiferença
onde range a cama, a televisão acende,
brilham os motores,
cai o vinho dentro da luz,
apodrecem a memória e as conversas tristes,
e afundam junto com a pedra,
na mais completa extinção.

EL UMBRAL DONDE EL IDIOTA SE REÍA

En la esquina del café Vox,
que cerró y violentamente abrió con otro nombre,
está el idiota sentado, mirando la vereda.

Tiene un clavo entre las manos,
que usa como aguja de bordar en sus pantalones.

Mete el clavo en la tela
y lo retira
y lo mete en la tela azul
y lo retira
y lo mete con saña entre fibras que se van rompiendo
y lo retira
y lo vuelve a meter
y lo retira.

Levanta sus ojos vacíos,
mete ese clavo que tiene un poco de óxido en la cabeza
y lo retira.

La palabra «momento» se escapa de un televisor
y cruza la vereda sobre la cara del idiota
que retira el clavo del pantalón deshilachado.
Lo mete y se ríe.
Se ríe y lo retira.

O LIMIAR ONDE RIA O IDIOTA

Na esquina do café Vox,
que fechou e violentamente abriu com outro nome,
está sentado o idiota, olhando para a calçada.

Ele tem um prego entre as mãos,
que usa como agulha de bordar em suas calças.

Põe o prego no pano
e o tira
e o põe no pano azul
e o tira
e o põe com sanha entre as fibras que vão se rompendo
e o tira
e volta a enfiá-lo
e o tira.

Levanta seus olhos vazios,
põe esse prego que tem um pouco de óxido na cabeça
e o tira.

A palavra "momento" escapa de uma tevê
e atravessa a calçada por sobre a cara do idiota
que tira o prego da calça desgastada.
O põe e ri.
Ri e o tira.

Dejamos andar el micrófono
toda la noche en un bosque desolado.

Al otro día hicimos correr la grabación
pero no se oyó más que un soplido.
Era como el viento metálico
de un planeta estéril.

La hicimos correr más rápido.
Aparecieron entonces los ruidos bajos
como si una conversación entre dos árboles
se expandiera desde el campo
hacia la Ruta Dos.

La hicimos correr más rápido aún
y los sonidos crecieron
como la conversación de dos árboles que crecen
y que si uno escucha bien,
con la cabeza apoyada en la madera,
en algún momento parecen crujir
palabras como «espejo», «espejismo»,
y muy lentamente palabras como
«cruces», «crucetas»,
«humilladero».

Deixamos ir o microfone
toda a noite num bosque desolado.

No dia seguinte, passamos a gravação
mas só se ouviu um sopro.
Era como o vento metálico
de um planeta estéril.

Nós a passamos mais rápido.
Apareceram então os barulhos baixos
como se uma conversa entre duas árvores
se expandisse do campo
rumo à Rota Dois.

Nós a passamos mais rápido ainda
e os sons cresceram
como a conversa de duas árvores que crescem
e que se você prestar bem atenção,
com a cabeça apoiada na madeira,
em algum momento parecem ranger
palavras como "espelho", "miragem",
e muito lentamente palavras como
"cruzes, "cruzetas"
"cruzeiro".

Antes de hablar alzaba una mano
para sujetarse el pecho,
a riesgo de hacerlo en un estilo trágico,
y de siete pitadas agotaba un cigarrillo.

Esa tarde encendió el motor
de su viejo automóvil
y se acostó en el pasto a escucharlo
una y otra vez.

Un alambre coincidía con el horizonte
donde se posaban unos pájaros enormes
y el hilo de la tierra se encorvaba.
Cuando alzaban vuelo, de repente,
el alambre subía y bajaba, entre el cielo y el suelo,
en eso que llaman la marcha dialéctica.
Y nadie era capaz de seguirlo.
Siete pitadas feroces: otro cigarrillo

El motor hablaba espesamente del silencio,
como si lo más oscuro del ser
encendiera con una llave de contacto.

Un viejo automóvil
detenido en el mejor momento de su vida.

UMA CORRIDA COM PLATÃO

Antes de falar alçava a mão
para segurar seu peito,
sob o risco de fazê-lo de um jeito trágico,
e com sete tragadas acabava um cigarro.

Naquela tarde ligou o motor
do seu velho carro
e deitou-se no pasto a escutá-lo
uma e outra vez.

Um arame coincidia com o horizonte
onde pousavam uns pássaros enormes
e curvava-se a linha da terra.
Quando levantavam voo, de repente,
o arame subia e baixava, entre o céu e o chão,
nisso que chamam de marcha dialética.
E ninguém era capaz de segui-lo.
Sete tragadas ferozes: outro cigarro.

O motor falava constantemente do silêncio,
como se o mais escuro do ser
ligasse com uma chave de ignição.

Um carro velho
parado no melhor momento de sua vida.

EL TANQUE AUSTRALIANO

El viento golpeó toda la tarde
en las paletas del molino que arrancaba
el agua turbia de las napas.

Se fue llenando así un estanque de latas curvas,
hasta que casi desbordó
y, con mi padre, nos quedamos
hechos unos estúpidos mirando el agua revuelta
como si viéramos el mar.

Al girar la bóveda, comenzó a llegar la noche.
Ya no se extrajo el agua, se apagó el viento.
Algunos puntos de luz brotaron
en su espejo negro.
Se oyeron los grillos del verano,
un ladrido agónico a lo lejos.

Ésa es «La Cruz del Sur», me dijo y señaló
despacio, como si temiera espantarla
con su brazo suspendido sobre el agua.
Y aquella formación: «El Puñal de la Mazorca».
Los ladridos se multiplicaron.

Yo pensaba en el rostro de mi madre.
Pensaba en sus ojos ya enterrados.

O TANQUE AUSTRALIANO

O vento bateu a tarde toda
nas pás do moinho que arrancava
a água turva das minas.

Foi se enchendo assim o tanque de latas curvas
até que quase desbordou
e, com meu pai, ficamos
feito uns tolos olhando a água revolta
como se víssemos o mar.

Ao virar a abóbada, começou a chegar a noite.
Não se extraiu mais a água, o vento parou.
Alguns pontos de luz brotaram
em seu espelho negro.
Ouviram-se os grilos do verão,
um latido agonizante ao longe.

Essa é "La Cruz del Sur", me disse e indicou
devagar, como se tivesse medo de assustá-la
com seu braço suspenso sobre a água.
E aquela formação: "El Puñal de la Mazorca".
Os latidos se multiplicaram.

Eu pensava no rosto de minha mãe.
Pensava em seus olhos já soterrados.

Me despedí de todo y entré.
Estaba muy fría el agua
y poco a poco fue embebiendo mi ropa
hasta que dejé de flotar.
No sé cuántos días transcurrieron mientras
me hundía en el silencio.
Recordé que en el «Paraíso» del Dante
no se describen sonidos,
pero eso qué podía importar.

Era un mundo sin horizonte:
por más que buscaba alrededor,
el horizonte no aparecía.

Desaparecieron, finalmente,
la luz y el tiempo.

Hasta que las aspas del molino
giraron de nuevo.
Cada succión del agua de la tierra
traía, como un golpe de remo, los recuerdos,
uno tras otro:
la bicicleta, el camino de tierra,
la puerta quejumbrosa de la casa
las veredas del pueblo desbordadas por la grama.
El motor de algún camión sobre la Ruta Dos
ahogaba unos minutos el coro de las ranas.

Todo era redondo: el horizonte
no aparecía.

Y tuve que emerger después de muchos años.

Me despedi de tudo e entrei.
A água estava muito fria
e pouco a pouco foi encharcando minha roupa
até que deixei de flutuar.
Não sei quantos dias se passaram enquanto
naufragava no silêncio.
Lembrei que no "Paraíso" de Dante
não são descritos os sons,
mas isso não tinha importância.

Era um mundo sem horizonte:
por mais que buscasse ao redor,
o horizonte não aparecia.

Sumiram, finalmente,
a luz e o tempo.

Até que as pás do moinho
giraram de novo.
Cada sucção da água da terra
trazia, como um golpe de remo, as lembranças,
uma após a outra:
a bicicleta, a estrada de terra,
a porta queixosa da casa
as calçadas da aldeia desbordadas pela grama.
O motor de algum caminhão sobre a Rota Dois
afogava por uns minutos o coro das rãs.

Tudo era redondo: o horizonte
não aparecia.

Tive que emergir depois de muitos anos.

Las cosas siguen igual pero nadie me reconoce.

Ahora voy por el parque, junto al cementerio,
a visitar sus ojos ya enterrados.

Es muy grato caminar al sol
después de estar metido en el agua tanto tiempo.

As coisas seguem iguais, mas ninguém me reconhece.

Agora vou pelo parque, junto ao cemitério,
visitar seus olhos enterrados.

É muito gostoso caminhar rumo ao sol
depois de ficar submergido na água por tanto tempo.

TUBOS DE GAS

Alguien entrará a la casa, alguna vez,
y al encender la luz
todo estallará en mil pedazos.

Alguien hará los mejores poemas,
pero también hará los peores.

Es impresionante ver la gente en esas plazas.
Desde aquí arriba parecen ir en todas direcciones.
Su movimiento es similar a los espermios
en un microscopio.

Hay que darle al ojo.
Meter el ojo en una tubería
es un ejercicio de belleza.
Las corrientes, ¿por qué vienen?
La frustración, ¿por qué?

Antes leíamos como animales que pastan
y eligen la hierba más tierna.
Pero después de un tiempo ya no.
Ahora engullimos el pasto seco,
la hojarasca masticada hasta el cansancio.
Y como aquellos que se van de la casa más amada,
nos alejamos de la poesía amarga.

TUBOS DE GÁS

Alguém entrará na casa, um dia,
e ao ligar a luz
tudo explodirá em mil pedaços.

Alguém escreverá os melhores poemas,
mas também escreverá os piores.

É impressionante ver as pessoas nessas praças.
Daqui de cima, parecem ir em todas as direções.
Seu movimento é semelhante aos espermatozoides
num microscópio.

É preciso olhar com atenção.
Olhar num tubo
é um exercício de beleza.
As correntes, por que chegam?
A frustração, por quê?

Antes líamos como animais que pastam
e escolhem a grama mais macia.
Depois de um tempo, não mais.
Agora engolimos a grama seca,
a folhagem mascada até o cansaço.
E como aqueles que vão embora da casa mais amada,
nos afastamos da poesia amarga.

La llama es azul, aséptica,
como para que en ella no viva siquiera
una mísera salamandra.
Ahora que los fuegos son fríos,
esperamos al genio, vivimos en la sombra.

Meter el ojo en una tubería
es un ejercicio de belleza.
La casa va a estar sola y por ahora
se siente mucho olor a gas.

No faltará el desconocido que llegue fumando.

A chama é azul, asséptica,
para que nela não viva nem sequer
uma mísera salamandra.
Agora que os fogos são frios,
esperamos pelo gênio, moramos na sombra.

Olhar num tubo
é um exercício de beleza.
A casa vai ficar sozinha e por enquanto
cheira muito a gás.

Não faltará o desconhecido que chegue fumando.

LAS DIFERENCIAS ENTRE MI PADRE Y KEROUAC

Mi padre nació un año después,
muy lejos, casi a la orilla de esta ruta.

Kerouac no tuvo, a su vez, un padre
nacido en altamar, como mi abuelo.

Y para qué iba a escribir poesía, mi padre.
En cambio Kerouac, entre católico y budista,
excedía todas las fronteras.

Papá tenía una bicicleta roja: eso es viajar.

Uf, ambos detestaron el comunismo.
Creo que si un cruce misterioso
los hubiese reunido en la mesa de algún bar
se habrían reído mucho.

Pero mi padre, que era peronista, se emborrachó
una sola vez en toda su vida.

AS DIFERENÇAS ENTRE MEU PAI E KEROUAC

Meu pai nasceu um ano depois,
muito longe, quase à beira dessa rota.

Kerouac não teve, por sua vez, um pai
nascido em alto mar, como meu avô.

E para quê ia escrever poesia, meu pai.
Já Kerouac, entre católico e budista,
ultrapassava todas as fronteiras.

Papai tinha uma bicicleta vermelha: isso é viajar.

Ufa, ambos detestaram o comunismo.
Acho que se um cruzamento misterioso
os tivesse reunido na mesa de algum bar
teriam gargalhado muito.

Mas meu pai, que era peronista, ficou bêbado
uma única vez na vida.

LOS DEMOLIDOS

Aparecemos siempre desde la luz,
como los mudos que se expresan con la sombra.

Somos una combinación estrafalaria:
un poco antiguos, algo modernos,
con esta vida abandonada pero llena de brillos
y un interior de tapicerías negras.

Se oyen los ruidos propios de una demolición.
Taladros, golpes, derrumbes.
Hay humo.

Todavía nos queda una casa abierta
donde podemos dormir y ver el aire negro
raspado por las constelaciones.
Pero se oyen taladros, golpes, derrumbes.

Acostumbrados a mirar el cielo oscuro.
Acostumbrados a dormir con un ojo abierto,
estamos asomando cada día, pero cada día
el tiempo se desmorona.

Hay gente que trabaja, se oyen otros ruidos.
Hay un tipo sobre el andamio
que bordea de noche el precipicio
iluminado por algunas monedas.

OS DEMOLIDOS

Aparecemos sempre da luz,
como os mudos que se expressam com a sombra.

Somos uma combinação bizarra:
um pouco antigos, algo modernos,
com essa vida abandonada porém cheia de brilhos
e um interior de estofados negros.

Escutamos os ruídos específicos de uma demolição.
Furadeiras, golpes, desabamentos.
Tem fumaça.

Ainda temos uma casa aberta
onde podemos dormir e ver o ar negro
raspado pelas constelações.
Mas escutamos furadeiras, golpes, desabamentos.

Acostumados a olhar o céu escuro.
Acostumados a dormir com um olho aberto,
estamos espreitando cada dia, mas cada dia
o tempo desmorona.

Há gente que trabalha, escutamos outros ruídos.
Tem um cara sobre o andaime
que rodeia de noite o precipício
iluminado por algumas moedas.

Antes sonaban las guitarras y los relojes.
Pero hace tiempo que los relojes detenidos
se tiran a la basura.

Van a demoler la calle,
van a demoler las ventanas,
la luz que entra por las ventanas,
y después vendrán todas esas molestias.

La grúa operando en este paisaje cruel y hermoso,
como si una tragedia estuviera a punto de ocurrir.
Golpes de luz en el agua, en la piedra.
Golpes a la belleza de Dios y los perros violentos,
como en esas increíbles noches griegas.

(Se intensifican los golpes de martillo.)

Se oye un estruendo, cae un muro
y parece caer el soporte numérico del universo.
En cambio, la pequeña demolición de los cuerpos
no se oye,
la de la calle, la maldición de los suburbios,
la opinión chiquita de las viejas y los descaminados,
el día en que te golpearon, lenguaraz, no se oye,
ni los goterones de la sangre espesa,
ni la servilleta de papel con tu nombre escrito,
silenciosamente, no se oye.

Escuchen. Escuchen bien,
que si prestan atención
oirán esos gritos cada vez más débiles.

Queda solo una taza, un vaso, dos o tres platos.
Ayer se vino abajo otra repisa con las vibraciones.

Antes soavam os violões e os relógios.
Mas faz tempo que os relógios parados
são jogados no lixo.

Vão demolir a rua,
vão demolir as janelas,
a luz que entra pelas janelas,
e depois virão todas essas tralhas.

O guindaste operando nessa paisagem cruel e bonita,
como se uma tragédia estivesse a ponto de acontecer.
Golpes de luz na água, na pedra.
Golpes na beleza de Deus e cães violentos,
como nessas incríveis noites gregas.

(Intensificam-se os golpes de martelo).

Escutamos um estrondo, cai um muro
e parece cair o suporte numérico do universo.
No entanto, a pequena demolição dos corpos
não escutamos,
a da rua, a maldição dos subúrbios,
a opinião miúda das velhas e os desencaminhados,
o dia em que te golpearam, falastrão, não se ouve,
nem o gotejar do sangue grosso,
nem guardanapo de papel com teu nome escrito,
silenciosamente, não escutamos.

Escutem. Escutem bem,
que se prestarem atenção,
vão ouvir esses gritos cada vez mais fracos.

Fica só uma xícara, um copo, dois ou três pratos.
Ontem caiu outra prateleira com as vibrações.

La delicada destrucción está pasando
justo ahora,
por este exacto lugar.

A delicada destruição está acontecendo
agora mesmo,
por esse exato lugar.

Callejón Fontana.
Arriba dice «tus sueños»
(debajo de «frágil»).
Una mujer pequeña está mirando
las hojas caídas de un sauce,
arremolinadas,
que bailan para ella.

Tanto trabaja el amor que algunas veces
da en el blanco, piensa.
Lleva un atado de claveles,
apenas se mueve, la vida la roza.

Otros murieron, ella no.
Todavía no.

Algunos agitan la vida como si pasara un tren.
Para esos fue necesaria más muerte
que la de costumbre.

Para otros, en cambio,
basta con una muerte fina, tenue,
apenas más intensa que el olvido.

Más arriba dice fiat lux.
La mujer pequeña mira su mano izquierda,
controla el reloj del panteón de la entrada

Beco Fontana.
Acima diz "teus sonhos"
(abaixo de "frágil").
Uma mulher pequena está olhando
as folhas caídas de um salgueiro,
rodopiantes,
que dançam para ela.

Tanto trabalha o amor que algumas vezes
acerta no alvo, pensa.
Leva um maço de cravos,
só se move, a vida esbarra nela.

Outros morreram, ela não.
Ainda não.

Alguns agitam a vida como se passasse um trem.
Para esses foi necessária mais morte
do que a de sempre.

Para outros, no entanto,
basta uma morte fina, tênue,
apenas mais intensa do que o esquecimento.

Mais acima diz *fiat lux*.
A mulher pequena olha sua mão esquerda,
controla o relógio do panteão da entrada

deja el ramo, baja la vista,
y se aleja mirándose los pies.

deixa o buquê, abaixa a vista,
e se afasta olhando seus pés.

PERDÓN

Nunca antes había visto, en esta tierra,
una crucifixión.

Fue en una de esas horas de lucidez,
cuando la mente coincide con el cuerpo en tiempo real,
aquello que muchos representaron
con una luz, con una esfera regular
sobre un rostro inocente,
o el compromiso de los astros
detrás de una silueta congelada.

El pájaro estaba inmóvil,
clavado en un poste al costado de la ruta.

Recibía una brisa que no tenía comienzo
ni tenía fin
y miraba desde atrás de sus ojos
como pidiendo disculpas.

El que venía conmigo trató de bajarlo,
acercó la mano, pero la retiró enseguida.
Parece un ave rapaz, me dijo.

Nos alejamos para seguir nuestro camino,
aunque me di vuelta como a los treinta pasos.

PERDÃO

Nunca antes vi, nesta terra,
uma crucificação.

Foi numa dessas horas de lucidez,
quando a mente coincide com o corpo em tempo real,
aquilo que muitos representaram
com uma luz, com uma esfera regular
sobre um rosto inocente,
ou o compromisso dos astros
atrás de uma silhueta congelada.

O pássaro estava imóvel,
cravado num poste ao lado da rota.

Recebia uma brisa que não tinha começo
nem tinha fim
e olhava por trás de seus olhos
como pedindo perdão.

Aquele que vinha comigo tentou baixá-lo,
aproximou a mão, mas a tirou logo.
Parece uma ave de rapina, me disse.

Nos afastamos para seguir nosso caminho,
ainda que tenha me virado com trinta passos.

No vi las armas debajo de sus alas.

No me pareció un ave rapaz.

Não vi as armas sob suas asas.

Não me pareceu uma ave de rapina.

Alguien caminó sobre mi tumba.

Detrás de la puerta, yo tenía un abismo
del que se sube por una cuerda interminable.

¿Podría ser esta casa un lugar
para los descarnados?

¿Podría ser esta casa un lugar
para los abastecedores de lujos?

Son las preguntas del recaudador,
el cobrador de tributos
que me sigue por el hilo del tiempo.

Ésta es la idea,
una idea con números, nada más,
y dura sólo un momento.

Pero se repite y se repite
hasta el cansancio.

O EXATOR

Alguém caminhou sobre minha tumba.

Atrás da porta, eu tinha um abismo
daquele que sobe por uma corda interminável.

Poderia ser essa casa um lugar
para os descarnados?

Poderia ser essa casa um lugar
para os fornecedores de luxos?

São as perguntas do cobrador,
o cobrador de tributos
que me segue pela linha do tempo.

Essa é a ideia,
uma ideia com números, nada mais,
e dura só um momento.

Mas repete-se e repete-se
até o cansaço.

Esta clase de estructura es muy compleja.
Nunca se construyó algo parecido
y ya sentimos la presión por terminar a tiempo.

El dios de la muerte sigue acumulando muerte.
El dios de la risa sigue acumulando risa.

Iba a ser de hierro, de tungsteno,
con los balcones caídos
como las tetas de una perra vieja
y con algunas plantas amarillas por aquí,
por allá.

Iba a ser de nada, o tal vez apenas
más concreta: de luz
con ausencia de martillazos y un soporte
que dudamos sublimar entre la música
y los suicidios con gas.

No hubo mejor amor que el de la psicodelia,
pero llegamos a destiempo,
ligeramente niños.

El dios del miedo nos vendió los seguros.
El dios del absurdo sigue acumulando gente.

Esse tipo de estrutura é muito complexo.
Nunca se construiu algo parecido
e já sentimos a pressão por terminar em tempo.

O deus da morte segue acumulando morte.
O deus do riso segue acumulando riso.

Ia ser de ferro, de tungstênio,
com as sacadas caídas
como as tetas de uma cachorra velha
e com algumas plantas amarelas por aqui,
por aí.

Ia ser de nada, ou talvez apenas
mais concreta: de luz
com ausência de marteladas e um suporte
que duvidamos sublimar entre a música
e os suicídios com gás.

Não houve melhor amor que aquele da psicodelia,
mas chegamos fora da hora,
levemente crianças.

O deus do medo nos vendeu os seguros.
O deus do absurdo segue acumulando gente.

CUIDADO CON LA REALIDAD

Esto es un paisaje real.
Las cosas suceden como debajo del agua,
los sonidos, tu voz, aquellos motores
que arrastran sus cargas pesadas en la ruta,
la respiración del semáforo, una luz,
la hiedra apretando la noche,
otras luces redondas en la plaza,
el aura densa de todos los objetos, como ungidos,
y las columnas, bajo la humedad de un cielo
donde retumba cada paso.

Es un lugar tan real
que todo se muestra
como si existiera dos veces.

No hay vacío,
el exceso de materia no deja sitio para respirar
y entonces, cualquiera,
bajo la luz quebrada de estas ramas,
en este fondo cálido de pantano citadino,
cualquiera, digo, se vuelve un pez.

Es un paisaje demasiado real,
aunque un vidrio nos separe
de los roces cotidianos,
aunque estemos sentados frente
al mundo que, en cualquier momento,
se desintegra con apenas un corte de luz.

CUIDADO COM A REALIDADE

Essa é uma paisagem real.
As coisas acontecem como debaixo d'água,
os sons, tua voz, aqueles motores
que arrastam suas cargas pesadas pela rota,
a respiração do semáforo, uma luz,
a hera apertando a noite,
outras luzes redondas na praça,
a aura densa de todos os objetos, como ungidos,
e as colunas, sob a umidade de um céu
onde retumba cada passo.

É um lugar tão real
que tudo se mostra
como se existisse duas vezes.

Não há vazio,
o excesso de matéria não deixa lugar para respirar
e então, qualquer um,
sob a luz quebrada dessas ramas,
nesse fundo cálido do pântano urbano,
qualquer um, digo, vira um peixe.

É uma paisagem real demais,
ainda que um vidro nos separe
dos toques cotidianos,
ainda que estejamos sentados frente
ao mundo que, a qualquer momento,
desintegra-se com apenas uma queda de energia.

Ando en círculos
como si llevara un brazo
cargado de botellas,
como si me pesara más un lado,
como un pájaro que tuviera
solamente un ala.

Vivo en círculos, como un dios errante.

Tantas vueltas que doy.

Como un círculo trazado por un brazo
cargado de botellas,
como un pájaro cuyo vuelo inseguro
dura toda la eternidad,
y su peso prohibido
va del lado del corazón.

COMPARAÇÕES

Ando em círculos
como se levasse um braço
carregado de garrafas,
como se pesasse mais de um lado,
como um pássaro que tivesse
somente uma asa.

Vivo em círculos, como um deus errante.

Tantas voltas que dou.

Como um círculo traçado por um braço
carregado de garrafas,
como um pássaro cujo voo incerto
dura toda a eternidade,
e seu peso proibido
vai do lado do coração.

Firdousí escribió la epopeya del Zohak.
Se la llamó Libro de los Reyes.

Por la Odisea *supe del país*
de los brutales cimerios
y de un sol enterrado a sus espaldas.

Yo te recuerdo, madre, todos los días.

Pero me acuerdo también
del cielo caliente de Tokio,
de las luciérnagas incontables
al costado de la Ruta Dos,
del nombre completo de Lenin,
de palabras como «odre» y «gozne» en la literatura,
y al costado de la misma ruta
los animales que morían con las patas
señalando hacia el Este.

Yo te recuerdo, madre, todos los días.

Firdusi escreveu a epopeia do Zohak.
A chamou de *Livro dos Reis*.

Pela *Odisseia* eu soube do país
dos brutais cimérios
e de um sol enterrado em suas costas.

Me lembro de você, mãe, todos os dias.

Mas me lembro também
do céu quente de Tóquio,
dos vaga-lumes incontáveis
na lateral da Rota Dois,
do nome completo de Lenin,
das palavras como "odre" e "dobradiça" na literatura,
e na lateral da mesma rota
os animais que morriam com as patas
apontando para o Leste.

Me lembro de você, mãe, todos os dias.

Tiene una bandera detenida
ese raro país, en el medio de la nada,
en el medio del frío.
Sus colores están secos,
el viento la estalló contra sí misma
y hay que adivinar adónde estamos.

No es bueno, dijo el que va conmigo,
caminar tanto en contra de la luz.
Pero hace rato que viajamos
en todas direcciones,
como esos peces que pintaba Paul Klee.

Los zapatos se hunden,
el aire brega por sacar del barro
estas huellas desordenadas.
Usted sabe, dijo,
la tienda de los milagros
puede estar en esta calle o en la otra,
tal vez un poco más allá,
junto al baldío donde dejan estacionarse.

Pero la luz está en todas partes, pensé,
aunque no llegue a la cámara vacía del ojo.

Ahora bien,
si la memoria no me falla

Tem uma bandeira detida
esse país estranho, no meio do nada,
no meio do frio.
Suas cores estão secas,
o vento as arrebentou contra si mesma
e tem que adivinhar onde estamos.

Não é bom, disse aquele que vai comigo,
caminhar tanto contra a luz.
Mas faz um tempo já que viajamos
em todas as direções,
como aqueles peixes que pintava Paul Klee.

Os sapatos afundam,
o ar luta para tirar do barro
essas pegadas desordenadas.
O senhor sabe, ele disse,
a loja dos milagres
pode estar nessa rua ou na outra,
talvez um pouco mais longe,
perto do terreno baldio onde é possível estacionar.

Mas a luz está em todo lugar, pensei,
embora não chegue à câmara vazia do olho.

Ora,
se a memória não me falha

dando vuelta en esa esquina
vamos a encontrar un viejo cine,
la casa de mis padres con su biblioteca de madera
y una puerta solitaria en medio de una larga pared
que sirve para llegar
adonde ya no queda ninguna pregunta.

No hay una biblioteca de madera,
dijo, entre mis sueños
y la llave que conservo atada al fuego
no tiene acceso a los depósitos del tiempo.

De acuerdo, entonces, sigamos vagando:
no es hora de abrir
esta pobre historia que llevo en la maleta.

dando volta nessa esquina
vamos encontrar um velho cinema,
a casa de meus pais com sua biblioteca de madeira
e uma porta solitária no meio de uma parede larga
que serve para chegar
onde não fica pergunta nenhuma.

Não tem uma biblioteca de madeira,
ele disse, entre meus sonhos
e a chave que conservo amarrada ao fogo
não tem acesso aos depósitos do tempo.

De acordo, então, seguimos vagando:
não é hora de abrir
essa pobre história que carrego na mala.

Después de respirar, como lo hiciera Dostoievski,
en la humedad silenciosa
de esos cuartos mal iluminados,
se ponía a caminar sin sentido
por las calles imprecisas.

Caminaba igual que la sombra de Cortázar,
con su tranco voluminoso y aletargado,
y mientras lo hacía
silbaba aquella melodía de Mendelssohn
que tanto usó la resistencia como santo y seña
entre las calles del nazismo.

Después recalaba en algún bar
y detrás de una taza humeante
metía su cabeza entre las manos,
como Kafka,
hasta que la hora lo invadía.

Entonces, iniciaba el retorno
hacia la cama con un libro
y ya no tenía ganas de levantarse
por un buen tiempo,
eso que solía hacer Proust.

Al final
terminaba como todos ellos:
abrumado por la vida sencilla.

A DOENÇA

Depois de respirar, como fez Dostoiévski,
na umidade silenciosa
desses quartos mal iluminados,
começava a caminhar sem sentido
pelas ruas imprecisas.

Caminhava como a sombra de Cortázar,
com seu tranco volumoso e letárgico,
e enquanto o fazia
assobiava aquela melodia do Mendelssohn
que tanto usou a resistência como palavra de ordem
entre as ruas do nazismo.

Despois aparecia em algum bar
e atrás de uma xícara fumegante
botava sua cabeça entre as mãos,
como Kafka,
até que a hora o invadia.

Então, começava o retorno
rumo à cama com um livro
e não tinha mais vontade de levantar
por um bom tempo,
o que costumava fazer Proust.

No final
terminava como todos eles:
esmagado pela vida singela.

Mi enfermedad es la ilusión,
y qué remedio.

Comer poco y con frecuencia,
lo dice la escuela de Salerno,
tener los cuatro costados,
cada uno en su lugar, como en la gran orden
de la barriga del Ubú.
Mis amigos se conforman con esto
y bajo el ruido de metal de la ciudad
soportan quedamente la sana destrucción.

Caminar por el mundo abriendo los ojos,
del recuerdo al olvido, del olvido
a la memoria adulterada,
entrar por una puerta, salir por la otra,
y que nadie más pueda pasar.

No alcanzo a cerrar los párpados.
Apenas lo hago aparece tan claro
desde el fondo de las cosas,
aquel tiempo destinado a mirar hacia adelante,
donde me encuentro con mis ojos
frente a frente, como en un espejo.

Mi enfermedad es la ilusión,
y qué remedio,

RUA SEM SAÍDA

Minha doença é a ilusão,
e qual remédio.

Comer pouco e com frequência,
diz isso a escola de Salerno,
ter os quatro lados,
cada um em seu lugar, como na grande ordem
da barriga do Ubu.
Meus amigos conformam-se com isso,
e sob o ruído de metal da cidade
suportam obstinadamente a sã destruição.

Caminhar pelo mundo abrindo os olhos,
da lembrança ao esquecimento, do esquecimento
à memória adulterada,
entrar por uma porta, sair por outra,
e que ninguém mais possa passar.

Não consigo fechar as pálpebras.
Assim que o faço surge tão claro
do fundo das coisas,
aquele tempo destinado a olhar pra frente,
onde estou com meus olhos
frente a frente, como em um espelho.

Minha doença é a ilusão,
e qual remédio,

entrar por una puerta, salir por la otra,
y que nadie más pueda pasar.

entrar por uma porta, sair por outra,
e que ninguém mais possa passar.

LA NOCHE EN UN BERGÈRE

Ausente del diluvio de voces
que llega por la espalda,
de cara a los golpes del viento en los vidrios
que reportan la presencia de un mundo frontal,
viajo sentado en esta pesada butaca,
arrastrando la porfía del corazón
por toda la sala.

Encerrado en mí mismo,
como en un vientre mitológico,
soy el viajero de una raza antigua
en la categoría de los vagabundos.

Se pudren los recuerdos, se hastían,
se escapan de la foto.

Pero con falsa torpeza me rodean,
me piden y me piden que sueñe,
que finalmente no me vaya
que no mienta
que no me quede solo con un arma cargada.

A NOITE NUMA *BERGÈRE*

Ausente do dilúvio de vozes
que chega pelas costas,
com vista aos golpes do vento nos vidros
que relatam a presença de um mundo frontal,
viajo sentado nessa poltrona pesada,
arrastando a porfia do coração
pela sala.

Fechado em mim mesmo,
como num ventre mitológico,
sou o viajante de uma raça antiga
na categoria dos vagabundos.

Apodrecem as lembranças, fartam-se,
escapam da foto.

Mas com falsa falta de jeito me cercam,
me pedem e me pedem que sonhe,
que finalmente não me vá
que não minta
que não fique sozinho com uma arma carregada.

LA CAÍDA

Un hombre se derrumba.
Parece que busca rutas olvidadas, playas,
una siembra, en aquellas regiones perdidas
donde ya no gira más el sol.

Es imposible que yo mismo sea
el hombre que cae por la ventana.

Menos mal que se desplomó
desde su propia mirada
y que una roldana lo desliza
como si sujetara un piano,
mientras la tierra lo baja y lo baja
tensando la cuerda podrida
en un lento teatro de suspenso.

Menos mal que se deshoja
y revela su peso inusitado,
como un Cristo de Grünewald.

Imposible que yo sea el que salta del mundo
y flota unos instantes sobre su propia risa.

El que vuela como volaría un árbol
arrancado por las tormentas
que lavan y deslavan el aire.

A QUEDA

Um homem desmorona.
Parece que procura rotas esquecidas, praias,
um plantio, naquelas regiões perdidas
onde já não gira o sol.

É impossível que eu mesmo seja
o homem que cai pela janela.

Ainda bem que desmoronou
do seu próprio olhar
e que uma roldana o desliza
como se sujeitasse um piano,
enquanto a terra o baixa e o baixa
esticando a corda podre
num lento teatro de suspense.

Ainda bem que se desmancha
e revela seu peso inusitado,
como um Cristo de Grünewald.

Impossível que eu seja aquele que pula do mundo
e boia uns instantes sobre seu próprio riso.

Aquele que voa como voaria uma árvore
arrancada pelas tormentas
que lavam e deslavam o ar.

Es imposible que yo sea alguna vez
el hombre que cae por esa ventana,
tan extraño, tan nítido.

É impossível que eu seja alguma vez
o homem que cai dessa janela,
tão estranho, tão nítido.

EL RELOJERO

No me pregunten cuándo sucedió
pero recuerdo sí que le llevamos
un reloj antiguo de cadena
marca Longben
para ver si tenía algún remedio.

Lo sopesó, abrió la tapa
y sus brazos se hincharon
como si levantara una camioneta.

Es bueno, dijo, 18 rubíes
con engranajes montados
sobre estas piedritas rojas
que son más duras que el acero.

Lo esperamos en el jardín,
donde tenía su famoso reloj de sol,
y nos quedamos pensando
en lo que fuimos, en lo que seremos,
cuando los números y la luz
se equilibren delicadamente.

Está difícil, vuelvan mañana, dijo.
Y salimos de aquel lugar
por una ruta invisible,
medidos para siempre,
listos para empezar y volver

O RELOJOEIRO

Não me perguntem quando aconteceu
mas lembro sim que levamos pra ele
um relógio de corrente antigo
marca Longben
para ver se tinha algum conserto.

O pesou, abriu a tampa
e seus braços incharam
como se levantasse uma van.

É bom, disse, 18 rubis
com engrenagens montadas
sobre essas pedrinhas vermelhas
que são mais duras que o aço.

Esperamos por ele no jardim,
onde tinha seu famoso relógio de sol,
e ficamos pensando
naquilo que fomos, naquilo que seremos,
quando os números e a luz
se equilibrem delicadamente.

Está difícil, voltem amanhã, disse.
Saímos daquele lugar
por uma rota invisível,
medidos para sempre,
prontos para começar e começar
outra vez.

MEDIANERA

Aquí siempre se va de Norte a Sur,
o simplemente se regresa.

Pero hay un tramo de la ruta
que tiene un solo costado.

En la acera derecha
deja de salir el pasto, de repente,
y las casuchas con los techos oxidados
se descontinúan.

El campo parece un mar que en la bruma
se vuelve invisible.

Un tipo arrojó una botella hacia el Este,
porque no lo podía creer.

La botella encerraba un mensaje vacío
que los pedazos de vidrio liberaron
estrellándose contra la nada.

Los accidentes, de aquel lado,
siempre quedan inconclusos.

MEDIANEIRA

Aqui sempre alguém vai do Norte ao Sul,
ou simplesmente volta.

Mas há um trecho da estrada
que tem um lado só.

Na calçada direita
deixa de sair o pasto, de repente,
e as casinhas com os tetos oxidados
se interrompem.

O campo parece um mar que na bruma
ficou invisível.

Um cara jogou uma garrafa para o Leste,
porque não podia acreditar.

A garrafa continha uma mensagem vazia
que os pedaços de vidro liberaram
despenhando-se sobre o nada.

Os acidentes, daquele lado,
sempre ficam inconclusos.

II.
MAQUINARIA PESADA

MAQUINARIA PESADA

Este señor
vestido de camisa azul y de vaquero azul,
montado en un ruidoso John Deere,
se ha detenido en el medio del campo
que es, a esta hora bajo el sol,
un sórdido recuerdo de la luz.

Podría ser todo irreal
bajo el motor, entre los surcos.
Podría este hombre con su escritura desordenada
borrar el pensamiento de la tierra
mientras la ciudad se recorta
en silencio
contra la silbatina del viento.

Dice: por aquí ya pasó la poesía,
qué va a crecer entonces.
Dice después: si ya pasó la poesía
por ese resquicio entre el caos y el orden,
pasó por entremedio
de las vallas de alambre y de madera,
pasó y murió:
hay que enterrarla,
hay que hacerle correr el tractor por encima.

Podría ser todo real,
quién lo discute.

Esse senhor
vestido de camisa azul e de jeans
montado num barulhento John Deere,
parou no meio do campo
que é, a essa hora sob o sol,
uma sórdida lembrança da luz.

Poderia ser tudo irreal
sob o motor, entre os sulcos.
Poderia esse homem com sua escrita desordenada
apagar o pensamento da terra
enquanto a cidade se recorta
em silêncio
contra o assobio do vento.

Diz: por aqui já passou a poesia,
o que será que vai crescer então.
Logo diz: se já passou a poesia
por esse resquício entre o caos e a ordem,
passou entre
as cercas de arame e de madeira,
passou e morreu:
é preciso enterrá-la,
é preciso passar por cima com o trator.

Poderia ser tudo real,
ninguém discute isso.

El cazador aparta los matorrales
y espera agazapado.

Se cuida de la noche,
ha visto cómo esas luces inexplicables
salen de los pajonales,
parecen ojos que vuelan juntos
en una mirada que patrulla el horizonte circular,
luego se distancian
para ver cada uno lo suyo
sobre la tierra inmensa
y al final se apagan como cigarros
en cualquier parte.

El cazador se duerme junto a un fuego débil
y sueña con aquellas luces.
El campo sigue mórbido bajo la niebla.

Sueña que es el animal más fuerte.

O caçador afasta o matagal
e aguarda, agachado.

Toma conta da noite,
viu como essas luzes inexplicáveis
saem dos cerrados,
parecem olhos que voam juntos
num olhar que patrulha o horizonte circular,
logo se distanciam
para ver cada um o seu
sobre a terra imensa
e ao final apagam-se como cigarros
em qualquer lugar.

O caçador dorme perto de um fogo fraco
e sonha com aquelas luzes.
O campo segue suave sob a neblina.

Sonha que é o animal mais forte.

Hombres y mujeres se despertaron
y supieron que éste no era un buen lugar.

Votaron en silencio
como testigos asustados.

Unieron largas telas
y pusieron mástiles sobre las casas.

Todos de acuerdo, a cierta hora,
izaron las velas de barco en sus techos,
soltaron las amarras del pueblo
y se fueron navegando lentamente
por el campo.

Ahora no queda nada.

Si se arroja una piedra,
la piedra en este lugar
se hunde.

TERCEIRA

Homens e mulheres despertaram
e souberam que este não era um bom lugar.

Votaram em silêncio
como testemunhas assustadas.

Uniram panos longos
e puseram mastros sobre as casas.

Todos de acordo, a certa hora,
içaram as velas do barco em seus tetos,
soltaram as amarras da aldeia
e foram navegando lentamente
pelo campo.

Agora não sobra nada.

Se jogar uma pedra
nesse lugar,
a pedra afunda.

CERCA DEL PUERTO

Pasan los camiones.
Se llega a mezclar el humo del gasoil quemado
con la llovizna fresca de la costa.

No hay poemas perfectos
como el sol, como la sombra.

Y menos que hablen de lugares
cercanos a este puerto donde hace frío,
donde se apilan contenedores blindados
para la gente inestable y para las ratas.

Pasan las dos mitades de un perro.
La primera lleva una cabeza normal, asustada,
la otra se disipa entre la niebla y la sarna.
En la estación lo bañaron con parafina,
seguro que fue el tuerto que limpia los vidrios,
quizás le regaló un pedazo de pan
y le ordenó: ¡basta de morderte!

Que no se turbe el sueño de Pound.
Si los clásicos ya tuvieron épocas
de mayor circulación en América,
al menos aquí, cerca del puerto,
entre la maquinaria envenenada
por la mierda de las gaviotas
(donde pasan las mitades de un perro

PERTO DO PORTO

Passam os caminhões.
Mistura-se a fumaça do diesel queimado
com a garoa fresca da costa.

Não há poemas perfeitos
como o sol, como a sombra.

Menos ainda que falem de lugares
próximos a esse porto onde faz frio,
onde amontoam-se contêineres blindados
para as pessoas instáveis e para os ratos.

Passam as duas metades de um cão.
A primeira tem uma cabeça normal, assustada,
a outra dissipa-se entre a névoa e a sarna.
Na estação lhe deram banho com parafina,
com certeza foi o caolho que limpa os vidros,
talvez lhe deu um pedaço de pão
e gritou: chega de se morder!

Que não se perturbe o sonho de Pound.
Se os clássicos já tiveram épocas
de maior circulação na América,
pelo menos aqui, perto do porto,
entre a maquinaria envenenada
pela merda das gaivotas
(onde passam as metades de um cão

esquivando esos camiones de carga),
ya nadie hace las cosas perfectas
como el sol, como la sombra.

desviando dos caminhões de carga),
ninguém mais faz as coisas perfeitas
como o sol, como a sombra.

LA CARRERA

Era la tierra.
Una simple expresión del alimento
con las cruces, los árboles,
sus pájaros migratorios,
el carbón escondido en la maleza.

Todos los años nos sentábamos
en un bote abandonado a la orilla del campo
y remábamos un rato, todos los años,
cada día primero de noviembre.

El bote no avanzaba mucho
sobre el camino de greda.
Apenas unos metros, con esfuerzo,
y entonces nos sentíamos tan cansados,
listos para olvidarnos del amor, de las llagas,
de los perros que ladran en el pecho.

Dimos muchas vueltas alrededor del sol
en ese río de barro trajinado
contra una luz espesa.

Ahora eché raíces en el tiempo.
Ahora estoy quieto y es mejor que sigas
viajando hacia atrás
como viajan los postes, como viajan
las piedras oscuras de la orilla.

A CORRIDA

Era a terra.
Uma simples expressão do alimento
com as cruzes, as árvores,
seus pássaros migratórios,
o carvão escondido no mato.

Todos os anos nos sentávamos
num bote abandonado na beira do campo
e remávamos um pouco, todos os anos,
cada primeiro de novembro.

O bote não avançava muito
sobre o caminho de barro.
Somente uns metros, com esforço,
então a gente se sentia tão cansado,
pronto para esquecermos do amor, das chagas,
dos cachorros que ladram no peito.

Demos muitas voltas ao redor do sol
nesse rio de lama preta
contra uma luz espessa.

Agora enraizei no tempo.
Agora estou quieto e é melhor que siga
viajando pra trás
como viajam os postes, como viajam
as pedras escuras da orla.

Mejor que te quedes tranquila
porque va muy lento el horizonte
y cuando por fin entiendas la carrera
estaremos listos,
fugados del terreno pegajoso,
donde sufren los ojos y se apagan las manos.

Melhor que fique tranquila
porque vai muito lento o horizonte
e quando por fim você entender a corrida
estaremos prontos,
fugidos do terreno pegajoso,
onde sofrem os olhos e se apagam as mãos.

CEDA EL PASO

Hay que tener cuidado con las señales.
Este es un pueblo chico y siempre
ocurren algunas historias sencillas.

No falta el que bebe, como cree
que bebería Dylan Thomas si viviera,
y luego llega a su casa a medianoche
con los zapatos raspados, apuntando
una llave temblorosa con la mano.

Va dejando así una marca de luz
que permanece hasta que la borran
los faros de un automóvil
o simplemente se diluye en la humedad.

No falta el que bebe y después dice
que leyó completo En busca del tiempo perdido*,*
sí, completo, las siete novelas,
y que lloró al amanecer
frente a un mapa de Londres.

Tengan cuidado,
en la ruta de la entrada
suele cruzarse a veces un caballo,
algún rencor,
un árbol perdido.

CEDA O PASSO

Tem que ter cuidado com os sinais.
Essa é uma pequena aldeia e sempre
acontecem algumas histórias simples.

Não falta aquele que bebe, como acredita
que beberia Dylan Thomas se estivesse vivo,
e logo chega em casa à meia-noite
com os sapatos gastos, apontando
uma chave trêmula com a mão.

Vai deixando assim uma marca de luz
que permanece até que apaguem
os faróis de um carro
ou simplesmente é diluída na umidade.

Não falta aquele que bebe e logo diz
que leu por completo *Em busca do tempo perdido*,
sim, por completo, os sete volumes,
e que chorou ao amanhecer
frente a um mapa de Londres.

Tomem cuidado,
na rota da entrada
às vezes cruza com um cavalo,
com alguma raiva,
com uma árvore perdida.

Esto no es más que un pueblo chico,
aburrido y violento.

Essa é só uma pequena aldeia,
entediante e violenta.

EL HUMEDAL

Conocíamos los pantanos de la costa,
esos cangrejales donde sólo caballos
entrenados podían navegar.

Sin embargo, una mañana fresca de septiembre,
detrás de la vía donde el tren recorta
los pastizales amarillos,
apareció la primera ciénaga.

Después se empezaron a ver otras
en esos patios grandes de las casas viejas,
en una plaza abandonada,
en el terreno donde anclaban los circos,
en el cementerio.

Eran luces muertas y caídas en cualquier parte,
redondas, como territorios envejecidos
de forma sorpresiva.

Algunos perros se empezaron a hundir
en esas manchas de silencio.
Los siguieron casas, bicicletas,
uno de los costados de la ruta,
los sueños y la lluvia
que penetró como una antorcha helada
en los martirios de la tierra.

O PÂNTANO

Conhecíamos os pântanos da costa,
aqueles manguezais onde somente cavalos
treinados podiam navegar.

Contudo, uma manhã fresca de setembro,
atrás da via onde o trem corta
os prados amarelos,
apareceu o primeiro charco.

Depois apareceram outros
nesses grandes pátios das casas velhas,
numa praça abandonada,
no terreno onde ancoravam os circos,
no cemitério.

Eram luzes mortas e caídas em qualquer lugar,
redondas, como territórios envelhecidos
de forma inesperada.

Alguns cachorros começaram a afundar
nessas manchas de silêncio.
Foram seguidos por casas, bicicletas,
um dos lados da rota,
os sonhos e a chuva
que penetrou como uma tocha gelada
nos martírios da terra.

Y detrás de todo esto, mi sombra
recordando la muerte, mi sangre
recordando la muerte.

Atrás de tudo isso, minha sombra
lembrando a morte, meu sangue
lembrando a morte.

SABIDURÍA

Podría reconocer las moscas negras del Sahara
sobre los ojos negros de un niño negro,
como cualquiera,
pero no sabría qué hacer
para explicar las teorías de Max Planck
sobre energía radiante.

Sé muy pocas cosas, en realidad,
ni siquiera alcanzo a imaginar
la muerte de las piedras.

Si me dan un tiempo
quizás pueda hablar de algún misterio:
de las sencillas luces de la Ruta Dos, por ejemplo,
o de lo que se siente al nadar
en el fondo de un tanque australiano.

Es verdad,
acaso pueda distinguir entre los edificios
la ventana que ayer se iluminaba tenuemente
para encerrarme en esta pequeña historia.
Y tal vez algo de las calles miles de veces recorridas
por estas piernas con motor,
o de los cientos de libros que son más rápidos
y ordenados que esta memoria y su lengua.

SABEDORIA

Poderia reconhecer as moscas negras do Saara
sobre os olhos negros de uma criança negra,
como qualquer,
mas não saberia o que fazer
para explicar as teorias de Max Planck
sobre a energia radiante.

Sei muita pouca coisa, na verdade,
nem sequer consigo imaginar
a morte das pedras.

Se me derem um tempo
talvez possa falar de algum mistério:
das luzes singelas da Rota Dois, por exemplo,
ou do que sentimos ao nadar
no fundo de um tanque australiano.

É verdade,
talvez possa diferenciar entre os edifícios
a janela que ontem se iluminava brandamente
para encerrar-me nessa pequena história.
E talvez algo das ruas mil vezes percorridas
por essas pernas com motor,
ou das centenas de livros que são mais rápidos
e ordenados do que essa memória e sua língua.

Si me dan un tiempo más, insisto,
quizás pueda hablar de Parménides
a mi manera, claro,
o de las maniobras de Roger Bacon,
pero elijo el trato justo
que me ha dado la memoria:
resucitar con los trucos más sencillos.

Se me derem um tempo a mais, insisto,
talvez possa falar de Parmênides
à minha maneira, claro,
ou das manobras de Roger Bacon,
mas escolho o trato justo
que me deu a memória:
ressuscitar com os truques mais simples.

EL SUEÑO DEL TIPO QUE SOÑABA CON BORGES

La ruta parece un río de Tesalia,
pensó, parado sobre el puente viejo.
Pero no el auténtico sino
el que Borges soñó en «El inmortal».

El asfalto pasaba lento y arrastraba
un ruidoso tractor y un grupo de casas migratorias
con velas de barcos y cazadores
que, adentro de un sueño rojo,
parecían imágenes recortadas de la noche.

Sea como fuere,
cuando ese tipo sobre el puente mira la Ruta Dos
y sueña con un río de Tesalia
se vuelve inmortal.
Y ese inmortal, uno de tantos,
decide libremente soñar que es Borges.

O SONHO DO CARA
QUE SONHAVA COM BORGES

A rota parece um rio de Tessália,
pensou, parado sobre a ponte velha.
Não aquele autêntico, mas sim
aquele que Borges sonhou em "O imortal".

O asfalto passava lento e arrastava
um trator barulhento e um grupo de casas migratórias
com velas de barcos e caçadores
que, dentro de um sonho vermelho,
pareciam imagens recortadas da noite.

Seja como for,
quando esse cara sobre a ponte olha para a Rota Dois,
e sonha com o rio de Tessália,
ele se torna imortal.
E esse imortal, um entre muitos,
decide livremente sonhar que é Borges.

EL LINGOTE DE HIERRO

Aunque lo azote con brusquedad,
un viento
no podría moverlo.

El niño de la casa lo levanta con esfuerzo.
Sus manos se oxidan un poco.

Lo afirma con cuidado sobre las patas
del cachorro, para que no se vaya.

A veces lo desliza en la vereda
y un rumor sordo, como de tormenta,
raja las siestas del verano.
Nadie sabe su procedencia, sabemos
que una vez lo usaron para aplastar fotografías.

El niño de la casa calienta el lingote al sol
y lo deja en la caja donde duerme el perro,
para que no sienta frío.

Con el paso del tren, el lingote
vibra y resbala
como si respondiera a un antiguo llamado.

Lo querían enterrar y desenterrar
para entender la muerte.

O LINGOTE DE FERRO

Ainda que o chicoteie com brutalidade,
um vento
não poderia movê-lo.

A criança lá de casa o levanta com esforço.
Suas mãos oxidam-se um pouco.

O ajeita com cuidado sobre as patas
do cachorro, para que não se vá.

Às vezes o desliza na calçada
e um rumor surdo, como de tormenta,
racha os cochilos do verão.
Ninguém conhece sua procedência, sabemos
que uma vez o usaram para prensar fotografias.

A criança lá de casa esquenta o lingote ao sol
e o deixa na caixa onde dorme o cachorro,
para que não sinta frio.

Com a passagem do trem, o lingote
vibra e resvala
como se respondesse a um antigo chamado.

Queriam enterrá-lo e desenterrá-lo
para entender a morte.

Siempre tropiezan con él y lo apartan
como a un sapo.
Dicen que cada día pesa más.

Para todos la vida va empeorando,
pero el lingote permanece casi igual.

A veces desprende una gota de herrumbre
como la que vieron salir de la nariz del vecino
antes de cerrar el ataúd.

El niño de la casa lo vuelve a dejar
bajo el sol despiadado
y mide su crecimiento.

Adentro del agua
resulta más pesado todavía.

Juega a que es un barco cerrado.
No sabe si debe salvarlo
o dejar que naufrague.

Sempre tropeçam nele e o afastam
como um sapo.
Dizem que cada dia pesa mais.

Para todos, a vida vai piorando,
mas o lingote fica quase igual.

Às vezes solta uma gota de ferrugem
como a que viram sair do nariz do vizinho
antes de fechar o caixão.

A criança lá de casa volta a deixá-lo
sob o sol cruel
e mede seu crescimento.

Dentro da água
fica mais pesado ainda.

Brinca que é um barco fechado.
Não sabe se deve salvá-lo
ou deixar que naufrague.

EL MÚSICO

El músico, que era muy pequeño todavía,
se encandiló una tarde y fue a dar de cabeza
contra la pared.

Quedó en el suelo, abandonado,
y mi padre lo recogió.
Teníamos un músico para nosotros.

Sin embargo, a poco andar, lo soltamos.
El músico pareció entender
y desde entonces fue, volvió,
y por cada salida acumuló un regreso.

No pudo olvidar que mi padre
lo entablilló con unos palos de fósforos
y una cinta adhesiva,
que le dio agua con un hisopo de algodón,
y lo dejó cerca de una lámpara.

Aparecía en los intervalos entre la verdad
y la repugnancia.

Nunca pudo olvidar eso,
pese a que en un pájaro caben muchos olvidos
y sólo algunos recuerdos.

Eso explica su largo viaje circular.

O MÚSICO

O músico, que ainda era muito pequeno,
Se avivou uma tarde, e foi bater a cabeça
contra a parede.

Ficou no chão, abandonado,
e meu pai o recolheu.
Tínhamos um músico todo para nós.

Contudo, dali a pouco, o soltamos.
O músico pareceu entender
e desde então foi, voltou,
e, por cada partida, acumulou uma volta.

Não pôde esquecer que meu pai
o imobilizou com uns fósforos
e uma fita adesiva,
que lhe deu água com um cotonete de algodão,
e o deixou perto de uma lâmpada.

Aparecia nos intervalos entre a verdade
e a repugnância.

Nunca pôde se esquecer disso,
apesar de que num pássaro cabem muitos esquecimentos
e só algumas lembranças.

Isso explica sua longa viagem circular.

Erik Satie compuso hace más de un siglo
las eléctricas Gymnopedies
y yo, cada cierto tiempo,
las escucho como un sordo.

Para esto suelo sentarme en el jardín
mientras despliego la vista
hacia el fondo de la tarde.

Enseguida viene la perra, que tiene
por costumbre
recostarse entre mis pies.

En escasos minutos aprendemos juntos,
en silencio y con paciencia,
nuevas cosas acerca del bien y del mal.

Cuando cesa la música, recogemos la mirada
y cada uno a sus asuntos: a ladrar, a trabajar.

Y una vez más nos olvidamos de todo,
pero no para siempre.

EXATIDÕES

Erik Satie compôs há mais de um século
as elétricas *Gymnopedies*
e eu, de vez em quando,
as escuto como um surdo.

Para isso, costumo me sentar no jardim
enquanto lanço a vista
para o fundo da tarde.

Aí vem a cachorra, que tem
por hábito
deitar-se entre meus pés.

Em poucos minutos, aprendemos juntos,
em silêncio e com paciência,
novas coisas sobre o bem e o mal.

Quando cessa a música, recolhemos o olhar
e cada qual volta a seus assuntos: a ladrar, a trabalhar.

E uma vez mais nos esquecemos de tudo,
mas não para sempre.

El olor del perro mojado por la lluvia.
El olor a sopa en la casa del herrero.
El olor y el peso de la ropa húmeda.
El olor a pasto recién cortado.
El olor a kerosén del Bram Metal.

El olor de la grasa en los fierros del tren.
El olor a jazmín de esas noches calientes.
El olor del cielo, que cae.
El olor a encierro que sale de mi pieza oscura.

El olor del auto nuevo.
El olor de la marcha indecisa por la ruta.
El olor de la escala moral.
El olor a té de tilo.

El olor del agotamiento espiritual.
El olor de la botellita de cognac.

El olor a basura en el sifón del lavaplatos.

El olor a Dios,
cuando se empieza a descomponer y no para.

El olor del vacío.

OS CHEIROS DA ALDEIA

O cheiro do cachorro molhado pela chuva.
O cheiro de sopa na casa do serralheiro.
O cheiro e o peso da roupa úmida.
O cheiro de pasto recém-cortado.
O cheiro de querosene do Bram Metal.

O cheiro da graxa nos ferros do trem.
O cheiro de jasmim dessas noites quentes.
O cheiro do céu, que cai.
O cheiro de fechado que sobe do meu quarto escuro.

O cheiro do carro novo.
O cheiro da marcha incerta pela rota.
O cheiro da escala moral.
O cheiro do chá de tília.

O cheiro da exaustão espiritual.
O cheiro da garrafinha de conhaque.

O cheiro de lixo no sifão da pia.

O cheiro de Deus,
quando começa a se decompor e não para.

O cheiro do vazio.

OTRA VEZ FUIMOS AL CAMPO

Atravesamos uno de esos bosques
bajo el perfume y la media sombra
hasta que llegamos a un claro.

Ella, que me sostenía de la mano,
me soltó para enseñar el poder
que engendra cierta luz sobre la gente.

A medida que entramos en el silencio
parecía perder el peso que la sujetaba al suelo.

Un poder que se mueve formando curvas:
y que atrae, repele, atrae, repele.

Nos quedamos mirando esa luminosidad,
sabiendo que tarde o temprano
lo interno se ajustaría con lo externo.

Ella me invitó a seguir, pero elegí
dar media vuelta e irme.

Irme, después de todo, es algo
que estoy perfeccionando con el tiempo.

OUTRA VEZ FOMOS AO CAMPO

Atravessamos um desses bosques
sob o perfume e a meia sombra
até que chegamos num clarão.

Ela, que me segurava a mão,
me soltou para mostrar o poder
que gera certa luz sobre as pessoas.

À medida que entramos no silêncio
parecia perder o peso que a segurava no chão.

Um poder que se move formando curvas:
e que atrai, repele, atrai, repele.

Ficamos olhando essa luminosidade,
sabendo que cedo ou tarde
o interno se ajustaria ao exterior.

Ela me convidou a seguir, mas escolhi
dar meia volta e ir embora.

Ir embora, afinal, é algo
que estou aperfeiçoando com o tempo.

Ella regresa de sus vuelos por el bosque.
La luz del sol se levanta y borra
los caminos ya trazados por el hacha.

Todo es calma.
Nos rascamos la espalda en el alambrado
como los caballos,
hablamos de la vida no densa,
de los fatigados por el tiempo,
hablamos de los pájaros que se comían las migas
y de la tristeza urbana.

El hacha desea cortarme los brazos,
tiene la hoja sucia, el mango astillado,
la dejamos tirada a un costado, entre las piedras
y nos preguntamos quiénes somos.

Después de tantos siglos preguntando, ella y yo,
nos hemos convertido en buscadores.
Suena bien: buscadores de profesión,
estamos conformes con eso.

Pero cualquiera busca.
La perra busca, el aseador municipal busca,
el motociclista busca, el envenenado busca,
el bibliotecario, el zahorí.

Ela volta de seus voos pelo bosque.
A luz do sol se levanta e apaga
os caminhos já traçados pelo machado.

Tudo é calma.
Arranhamos as costas na cerca
como os cavalos,
falamos da vida que não é densa,
dos cansados pelo tempo,
falamos dos pássaros que comiam as migalhas
e da tristeza urbana.

O machado deseja cortar meus braços,
sua lâmina está suja, o cabo lascado,
o deixamos jogado de lado, entre as pedras
e nos perguntamos quem somos.

Depois de tantos séculos perguntando, ela e eu,
nos convertemos em pessoas que caçam.
Soa bem: os caçadores de profissão,
estamos satisfeitos com isso.

Mas qualquer um caça.
A cachorra caça, o gari caça,
o motociclista caça, o envenenado caça,
o bibliotecário, o adivinho.

Dejamos tirada una bolsa de herramientas,
una tijera de podar y los guantes.

Encontradores, tal vez, podría ser,
aunque no todos encuentran.
La perra encuentra, el aseador municipal encuentra,
el motociclista encuentra, el envenenado encuentra,
el bibliotecario, a veces el zahorí.

Y salimos a encontrar
una palabra imposible de hallar con esta búsqueda.

La perra destiñéndose con el humo,
parada ahí: perra negra, sedienta,
con la lengua afuera y rosada.

La vemos hasta que ya no la vemos,
porque hemos resuelto seguir por el sendero
y ella no se atreve.
Tiene miedo a perder su puesto en el mundo,
prefiere la vida exacta frente a una casa de cemento,
adentro de una esfera cerrada de sombras y olores,
porque más allá de esos bordes
comienza el abandono.
Ya no la vemos, pero se la oye aplaudir
en una poza de agua con su lengua
como con una pala de plástico.
Slap slap slap.

Seguimos viajando en esos caminos
que sólo se pueden recorrer bajo sospecha.
Rozamos las espinas, las telas de araña,
las piedras calientes, las babas del diablo.

Deixamos jogada uma maleta de ferramentas,
uma tesoura de podar e as luvas.

Descobridores, talvez, poderia ser,
embora nem todos descubram.
A cachorra descobre, o gari descobre,
o motociclista descobre, o envenenado descobre,
o bibliotecário, o adivinho.

Saímos para descobrir
uma palavra impossível de encontrar nessa procura.

A cachorra desbotando com a fumaça,
parada ali: cachorra preta, sedenta,
com a língua pra fora e rosada.

A vemos até não vê-la mais,
porque decidimos seguir pelo caminho
e ela não se atreve.
Tem medo de perder seu lugar no mundo,
prefere a vida exata diante de uma casa de cimento,
dentro de uma esfera fechada de sombras e cheiros,
porque além dessas bordas
começa o abandono.
Não a vemos mais, porém a escutamos aplaudir
numa poça de água com sua língua
como com uma pá de plástico.
Slap slap slap.

Seguimos viajando por esses caminhos
que só podem ser percorridos sob suspeita.
Roçamos os espinhos, as teias,
as pedras quentes, as babas do diabo.

Y aunque tenemos ganas de dormir
porque el sol agujerea nuestras cabezas
y se nos escapan los sueños,
seguimos adelante.

Todo lo que sucede, sucede entre nosotros,
como el calor, como los sonidos.

Se oye la raíz de los pinos taladrando la tierra.
Se oyen las sombras duras de los cuerpos
cuando pasan por los alambres y se cortan.
Se oye la perra, todavía,
como si tomara sopa a lo lejos.
Se oye la ruta que zumba en el fondo del olvido
y parece una abeja perdida.

Entonces vemos la tormenta de humo
que viene hacia nosotros
y empezamos a cruzar el fuego.
El cielo es un lago negro con un ojo de sangre,
los árboles se encienden.
La veo a ella, que está ahora en varios lugares a la vez,
mientras me quemo como un diario.
Ella, que es tan fría,
abre sus brazos y me apaga.

Hay otros sonidos.
El rotor de un helicóptero que abre la cremallera del aire.
El sonido de la lluvia acribillando el bosque.
El chistido del viento sobre las hojas en llamas.

Y hablamos nuevamente de la vida sutil,
de los matados por el tiempo,
hablamos de los pájaros que se comían la tristeza.

E, apesar de termos vontade de dormir
porque o sol perfura nossas cabeças
e fogem nossos sonhos,
seguimos adiante.

Tudo o que acontece, acontece entre nós,
como o calor, como os sons.

Escutamos a raiz dos pinheiros furando a terra.
Escutamos as sombras duras dos corpos
ao passar pelos arames, cortando-se.
Escutamos a cachorra, ainda,
como se tomasse uma sopa ao longe.
Escutamos a rota que zumbe no fundo do esquecimento
e parece uma abelha perdida.

Vemos então a tormenta de fumaça
que avança na nossa direção,
e começamos a cruzar o fogo.
O céu é um lago escuro com um olho de sangue,
iluminam-se as árvores.
Eu a vejo, ela, que agora está em vários lugares de uma só vez,
enquanto me queimo com um diário.
Ela, tão fria,
abre seus braços e me apaga.

Há outros sons.
O rotor de um helicóptero que abre a cremalheira do ar.
O som da chuva crivando o bosque.
O assobio do vento sobre as folhas em chamas.

E falamos de novo da vida sutil,
daqueles que o tempo matou,
falamos dos pássaros que comiam a tristeza.

Buscamos la palabra exacta.
La encontramos, la perdemos, la volvemos
a encontrar caída entre la zarza,
ahí donde cayó el hacha cortadora.

Metemos las manos en un espejismo
y ya casi la decimos,
pero se imponen los sonidos cercanos de la ruta
donde pasan otros buscadores
y todo lo que sucede
sucede entre nosotros.

Buscamos a palavra exata.
A encontramos, a perdemos, voltamos
a encontrá-la caída entre o arbusto,
ali onde caiu o machado cortador.

Pusemos as mãos numa miragem
e quase a dissemos,
mas se impõem os sons próximos da rota
por onde passam outros que procuram,
e tudo o que acontece
acontece entre nós.

Ellos saben que los entiendo.
Estaban reunidos en un costado del campo
y al andar
les pisoteamos la sombra.

Ellos hablan bastante claro.
Lo pude averiguar cuando cortaron
uno junto a mi ventana.
Amenazó, antes de caer,
que cuando enterraran al leñador
uno de los suyos llegaría por debajo
para extraer toda la humedad de su tumba.

Saben que los entiendo,
por eso se callan cuando pasamos.
No hablan como Hölderlin,
ni siquiera como Blake, quizás
su voz se parece más a la de Apollinaire:
aprendieron algunas canciones campesinas
en el medio de un silencio agujereado
por las avispas.

Hay que oírlos cuando se acerca el fuego:
es como el antiguo canto
de los esclavos en los campos de algodón.

DE NOVO FALAM AS ÁRVORES

Elas sabem que as entendo.
Estavam reunidas num lado do campo
e ao caminhar
pisamos em suas sombras.

Elas falam bem claro.
Pude checar quando cortaram
uma perto da minha janela.
Ameaçou, antes de cair,
que quando enterrassem o lenhador,
uma das suas chegaria por baixo
para extrair toda a umidade de sua tumba.

Sabem que as entendo,
por isso se calam quando passamos.
Não falam como Hölderlin,
nem sequer como Blake, talvez
sua voz se pareça mais com a de Apollinaire:
aprenderam algumas canções caipiras
no meio de um silêncio esburacado
pelas vespas.

É preciso escutá-las quando se aproxima o fogo:
é como o canto antigo
dos escravos nos campos de algodão.

Aquel mismo leñador bebió el jugo
que chorreaba de la corteza, aquella vez,
y dijo asegurar con eso
la salud para todo el invierno.

Aquele mesmo lenhador bebeu o suco
que jorrava da casca, aquela vez,
e disse garantir com isso
a saúde para todo o inverno.

SE AVECINAN HORAS DE MUCHO TRABAJO

Me miraste sólo una vez.

Yo trabajaba en el bosque,
un bosque pequeño
donde hacía milagros con el hacha.

Puedo decir que los conocía a todos.
A todos los árboles.
A cada uno de los que oscilan
en la vida silenciosa.

Ahora salgo en tu mirada
cuando se enciende como los vidrios ardidos.
Salgo en tu mirada y me azoto
contra las ramas y los troncos
del mundo que ves.

Ellos me podrían hacer polvo,
pero se quedan callados.

SE APROXIMAM HORAS DE MUITO TRABALHO

Você me olhou uma só vez.

Eu trabalhava no bosque,
um bosque pequeno
onde se faziam milagres com o machado.

Posso dizer que conhecia todas.
Todas as árvores.
Cada uma das que oscilam
na vida silenciosa.

Agora estou em teu olhar
quando se acende como os vidros em chamas.
Estou em teu olhar e me açoito
contra os galhos e os troncos
do mundo que você vê.

Elas poderiam me reduzir a pó,
mas ficam caladas.

Donde hubo cierta concentración de plantas
y árboles que nacían como locos,
en esa guerra brutal por un poco de agua y de luz
que llaman bosque,
sólo quedaron estas piedras enormes,
cubiertas de polvo quemado.

Me detuve frente a ellas
y entendí la paradoja.
Me pedían, como a un dios blando,
que las oyera en su silencio.

Yo, que pensaba vivir apenas
un segundo comparado con ellas,
aprendí en ese instante
su complejo idioma de una sola palabra,
y me quedé callado.

DEPOIS QUE PASSOU O FOGO

Onde houve certa concentração de plantas
e árvores que nasciam como loucos,
nessa guerra brutal por um pouco de água e de luz
que chamam bosque,
só ficaram essas pedras enormes,
cobertas de poeira queimada.

Detive-me frente a elas
e entendi o paradoxo.
Me pediam, como a um deus brando,
que as ouvisse em silêncio.

Eu, que pensava viver somente
um segundo comparado com elas,
aprendi nesse instante
seu complexo idioma de uma só palavra,
e fiquei calado.

Sumário

PALAVRAS PARA *ROTA DOIS*
Raúl Zurita 7

A título de prefácio 13

I. QUILÔMETRO 207

Método para calcular o tempo 17
O afogado 19
Prodígio 21
O limiar onde ria o idiota 25
Os sons inaudíveis 27
Uma corrida com Platão 29
O tanque australiano 31
Tubos de gás 37
As diferenças entre meu pai e Kerouac 41
Os demolidos 43
Rua um, *fiat lux* 49
Perdão 53
O exator 57
Obra 59
Cuidado com a realidade 61
Comparações 63
A memória sozinha 65
A memória compartilhada 67
A doença 71
Rua sem saída 73
A noite numa *bergère* 77
A queda 79
O relojoeiro 83
Medianeira 85

II. MAQUINARIA PESADA

Primeira	89
Segunda	91
Terceira	93
Perto do porto	95
A corrida	99
Ceda o passo	103
O pântano	107
Sabedoria	111
O sonho do cara que sonhava com Borges	115
O lingote de ferro	117
O músico	121
Exatidões	123
Os cheiros da aldeia	125
Outra vez fomos ao campo	127
Corta-fogo	129
De novo falam as árvores	137
Se aproximam horas de muito trabalho	141
Depois que passou o fogo	143

Título original: Ruta Dos
copyright © 2013 Daniel Calabrese e Editorial Aguilar
Autor: Daniel Calabrese
copyright desta edição © 2022 Edições Macondo

EDITORES RESPONSÁVEIS
André Capilé, Otávio Campos e Prisca Agustoni

TRADUÇÃO
Prisca Agustoni

REVISÃO DA TRADUÇÃO
Anelise Freitas

PREFÁCIO
Raúl Zurita

PROJETO GRÁFICO
Otávio Campos

FOTOGRAFIA DA CAPA
Roadside Pose
Photo courtesy of and copyright Vintage Stock Photos

Esta obra cuenta con el auspicio de la
Fundación Cultural Norte al Sur

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecário: Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

C141r Calabrese, Daniel.
Rota Dois / Daniel Calabrese; traduzido por Prisca Agustoni. - Juiz de Fora : Edições Macondo, 2022.
152 p. ; 12cm x 20cm.

Tradução de: Ruta Dos

ISBN: 978-65-88750-24-7

1. Literatura argentina. 2. Poesia. I. Agustoni, Prisca. II. Título.

2021-4707 CDD 868.9932 CDU 821.134.2(82)-1

[2022]
EDIÇÕES MACONDO
Rua Dom Silvério, 302/302A
Alto dos Passos – Juiz de Fora – MG
36026-450
www.edicoesmacondo.com.br
contato@edicoesmacondo.com.br

Foram impressos 500 exemplares de
Rota Dois, de Daniel Calabrese,
com miolo em Pólen Bold 90 g/m²
e capa em Cartão Supremo 250 g/m²
pela Gráfica Paulinelli para as
Edições Macondo em Janeiro de 2022

Prefácio de Raúl Zurita

ISBN 978-65-88750-24-7



www.edicoesmacondo.com.br